

Edith Stein: Entre a Psicologia de William Stern e a Fenomenologia de Edmund Husserl

Danilo Souza Ferreira¹

Resumo

Neste artigo, trazemos uma breve biografia de Edith Stein. Tal trabalho se justifica por dois motivos: o primeiro é a apresentação da filósofa, que é pouco conhecida pela academia brasileira, e o segundo motivo é a íntima relação entre a sua vida e os acontecimentos históricos cruciais que marcaram a primeira metade do século XX, principalmente a história da Alemanha no período moderno, bem como a Primeira Grande Guerra, a República de Weimar e a ascensão do nazismo na Alemanha, além do surgimento de correntes teóricas como a fenomenologia. Buscaremos, em especial, neste texto, descrever as fortes influências que Stein sofreu do psicólogo William Stern, membro da escola de Wurtzburgo e professor em Breslau, e do fenomenólogo Edmund Husserl, que ministrou aulas de filosofia em Gotinga, e com quem ela desenvolveu a sua reflexão sobre o papel da empatia como constitutiva da relação entre os indivíduos, bem como a sua relação com a história.

Palavras-chave: Edith Stein; fenomenologia; história intelectual.

Edith Stein: between the Psychology of William Stern and the Phenomenology of Edmund Husserl

Abstract

In this article, we bring a brief biography of Edith Stein. Such work is justified for two reasons: the first is the presentation of the philosopher, who is little known by the Brazilian academy, and the second reason is the intimate relationship between her life and the crucial historical events that marked the first half of the 20th century, mainly the history of Germany in the modern period, as well as the First World War, the Weimar Republic and the rise of Nazism in Germany, in addition to the emergence of theoretical currents such as phenomenology. We will seek, in particular, in this text, to describe the strong influences that Stein suffered from the psychologist William Stern, a member of the Wurtzburgo school and professor in Breslau, and from the phenomenologist Edmund Husserl, who taught Philosophy classes in Gotinga, and with whom she developed her reflection on the role of empathy as constitutive of the relationship between individuals, as well as its relationship with history.

Keywords: Edith Stein; Phenomenology; intellectual history.

¹ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto/MG, Brasil

Introdução

Alasdair Macintyre tematiza a aproximação de Edith Stein com a corrente fenomenológica já nos anos de sua formação na Universidade de Breslau, na Alemanha, onde as matérias escolhidas por ela (História e Filologia, especialmente germanísticas) eram parte das denominadas ciências do espírito. Posteriormente, Stein frequentara as disciplinas de Filosofia, ministrada por Richard Höningwald, e de Psicologia Experimental, ministrada por Louis Wiliam Stern, quando, oportunamente, os escritos de Edmund Husserl lhe foram apresentados (Macintyre, 2006, p. 13).

Richard Höningwald, de origem judaica, lecionou em Breslau a partir do ano de 1906, desenvolvendo, até 1915, trabalhos sobre a Teoria da Matemática e as Teorias da Cognição. Se dedicava, em especial, à História da Filosofia através da inspiração do neokantismo, assim como Alois Riehl, com quem exercia forte diálogo. Nos anos 1909-1915, Höningwald publicou artigos sobre a Teoria da Ciência, tendo como principal foco a Teoria da Matemática, que o aproxima das obras de Ernst Cassirer e Bruno Bauch. Posteriormente, escrevera sobre a História da Filosofia e sobre questões de perfil historiográfico. A originalidade do projeto de Höningwald e a percepção de que as experiências históricas se apresentariam através de “mônadas” permitem “a validade do pensamento e da vontade no mundo”, o que pode ser percebido em sua obra *Fundamentos da Educação*, de 1918 (Merz-Benz, 1997, p. 133).

Na obra *História de uma família judia*, Stein (Stein, 2002a, p. 200) descreve o seu período como aluna na Universidade de Breslau (especificamente no quarto capítulo, intitulado *A Liberdade Acadêmica*). A autora aponta como era espantoso o fato de Höningwald e Stern haverem sido professores contratados, termo usado para se referir aos professores que eram admitidos a ensinar depois de submetidos a um exame especial, buscando enfatizar que um dos fatores que atrapalhava a contratação deles era o fato de serem de origem judaica.

A origem judaica de Stern e Höningwald foi um inconveniente para sua carreira acadêmica. A cadeira de Psicologia em Breslau não era rentável e Höningwald ainda era um ‘professor contratado’ e assim continuaria por muitos anos, e mais tarde foi-lhe dada a cadeira de Psicologia quando Stern aceitou um contrato em Hamburgo, e muito tarde ele recebeu a cadeira de Filosofia (Munique), por tudo isso ele sofreu visivelmente (Stein, 2002a, p. 298, tradução nossa).

A denúncia aqui apontada por Edith Stein é referente ao fato de que os professores de origem judaica e que eram contratados necessitavam de passar por um processo admissional diferenciado, o qual consistia na avaliação de suas teses de doutorado. Além disso, o salário deles não era

pago pela universidade, mas sim por meio de um acordo feito entre os estudantes, que por sua vez pagavam os salários para os professores ministrarem as disciplinas.

Aparentemente, essa situação de antissemitismo soturno, presente desde aquele período nas universidades alemãs, bem como na sociedade em geral, também estava presente em outras situações. Um exemplo disso é o caso do sociólogo alemão de origem judaica, Georg Simmel, que conseguiu uma nomeação para professor na Universidade de Estrasburgo, a qual, como apontado por Marquard, era uma universidade fora do eixo das mais importantes – tais como as de Berlim, Munique ou Heidelberg, nas quais Simmel tentou ingresso em 1908, não conseguindo obter a cátedra (Marquard, 2000, p. 538).

Um dos pontos abordados por Hönigswald em suas disciplinas era a fenomenologia de Edmund Husserl. Apesar de seu distanciamento teórico dessa concepção filosófica, o professor de Filosofia e História de Breslau ficou espantado quando descobriu que Edith Stein pretendia ir para Gotinga estudar com o autor de *Investigações Lógicas*. No mesmo semestre, Hönigswald vai à Gotinga para assistir às aulas no curso de Psicologia, momento em que se confronta com a fenomenologia Husserliana:

Com toda a admiração que eu sentia pela sutileza de Hönigswald, não podia pensar que ele ousou se comparar com Husserl. Eu já estava convencida de que Husserl era o filósofo do nosso tempo. Desde então, quando o seminário em Hönigswald falava sobre fenomenologia, eles me usaram como “especialista” (Stein, 2002a, p. 600, tradução nossa).

Edith Stein e os estudos em Breslau

Edith Stein escolheu como matéria que mais lhe interessava, durante os quatro semestres que estudou em Breslau, a disciplina Introdução à Psicologia, ministrada por Willian Stern, que também era psicólogo e filósofo, bem como era de origem judaica e aluno de Hermann Ebbinghaus. Este apresentava a escola de pensamento de Wurtzburgo, fundada por Oswald Külpe, cujo projeto consistia na indagação de como são apreendidos os conteúdos pela consciência por meio de introspecções controladas; porém, com um enfoque apenas no pensamento, ignorando outros aspectos da consciência. Um dos interesses de Willian Stern era o estudo da Psicologia Experimental e do desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens. Ele desenvolveu testes de inteligência e foi o responsável por apresentar o termo “idade mental” na Psicologia, propondo o cálculo de coeficiente de inteligência (Hergenhahn, 2001, p. 657).

Stern representava um tipo específico de humanismo judaico. Na época, ele tinha pouco mais de quarenta anos, estatura mediana, mas dava a impressão de ser mais baixo, pois era ligeiramente encurvado. Uma barba castanha emoldurava a palidez de seu rosto, seu olhar era inteligente e bom, a expressão de seu rosto e o som de sua voz exprimiam uma grande suavidade e imensa bondade. [...] Sempre afirmou que no fundo do coração era filósofo (é por isso que sempre combateu a separação entre as cátedras de Filosofia e de Psicologia) e que sua grande obra filosófica *Pessoa e coisa* era, a seu ver, a mais importante de todas as outras. [...] Sua obra sobre a *Linguagem da criança* e aquela sobre a *Psicologia da primeira infância* apoiavam-se em observações precisas de seus próprios filhos e no diário cuidadosamente mantido a cada dia por sua mulher, que, inteligente e amável, era a sua mais fiel colaboradora (Stein, 2018, p. 308, tradução nossa).

A descrição de Stern feita por Edith Stein tinha como base seu convívio com o professor, não apenas na disciplina de Psicologia, mas também no grupo dedicado aos estudos pedagógicos, formado por alunos que possuíam profundo engajamento social na formação de educadores. Stern desenvolvia, na época, trabalhos na área da Psicologia Experimental, em especial, testes de medição de inteligência. Faziam parte desse grupo: Erna, irmã de Stein, Hans Biberstein, Rose Guttmann, Lilli Platau e o médico e filósofo Georg Moskiewicz (Stein, 2002b, p. 303). O último era um dos membros apresentados com destaque, e que tentava obter a habilitação na área de Psicologia, sob a orientação de Hermann Ebbinghaus, professor de psicologia experimental em Breslau. Depois da morte do seu orientador Moskiewicz, Edith Stein anotou que estava em um dilema, pois, embora precisasse da habilitação para exercer o cargo de professora, discordava do método da psicologia experimental utilizado por Stern. Stein considerava fazer doutorado sob orientação de William Stern – cujos estudos se baseavam na cuidadosa observação de seus filhos, buscando perceber como são apreendidos os conteúdos pela consciência por meio de introspecções controladas –, mas criticava o enfoque dado apenas ao pensamento, ignorando outros aspectos da consciência. E era essa a principal crítica feita por Stein a respeito da Psicologia:

Nessa época, ele (Stern) estava ocupado com métodos para medir a inteligência. Preparava assim o seu método para testar a aptidão profissional, que mais tarde lhe valeu reconhecimento em Hamburgo. Nós tínhamos sérias restrições quanto a todos esses assuntos, bem como quanto ao seu princípio geral da ‘justa medida’. Seu malicioso colega Hönigswald expressou-se um dia sobre a questão de criar ‘psicólogos escolares diplomados’: ‘O psicólogo escolar diplomado se tornará o personagem mais poderoso do Estado. Ele decidirá sobre o ofício de cada um e, se estiver particularmente bem disposto a favor de alguém, ele o destinará a ser um psicólogo escolar diplomado (Stein, 2018, p. 309, tradução nossa).

Stein diz que, a pedido de Stern, fez uma visita a Otto Lipmann – psicólogo de origem judaica e pioneiro no aconselhamento vocacional de jovens no Instituto de Psicologia Aplicada de Klein-Glienicke em Berlim –, a fim de mostrar-lhe o seu trabalho sobre o desenvolvimento do pensamento infantil. Após a visita, Stein decidiu definitivamente que não tentaria mais o processo de doutoramento em psicologia:

Todos os meus estudos em psicologia me levaram à convicção de que essa ciência ainda estava em sua infância, pois faltava a ela o fundamento necessário de ideias básicas e claras, e de que ela não era capaz de elaborar esses pressupostos. Por outro lado, o que eu já conhecia sobre a fenomenologia me excitava, porque consistia fundamental e essencialmente num trabalho de esclarecimento e que, desde o início, havia forjado os instrumentos intelectuais de que necessitava (Stein, 2002a, p. 331, tradução nossa).

Durante o semestre de 1913, o professor Willian Stern sugeriu que seus alunos apresentassem um seminário cujo tema seria a escola de Wurtzburgo, a qual faziam parte. Ao estudar sobre esses autores, Stein tem o primeiro contato com a obra *Investigações Lógicas* de Husserl, que era constantemente citada pelos autores da escola. Por meio da orientação de Georg Moskiewicz, que foi estudante das disciplinas ministradas por Edmund Husserl e apresentou as *Investigações Lógicas* a Edith Stein, foi alertado que “em Gotinga, não se faz outra coisa senão filosofar dia e noite, nas refeições e pela rua. Em todas as partes. Fala-se somente de fenômenos” (Stein, 2002a, p. 334, tradução nossa).

Para compreendermos a influência que o pensamento da escola fenomenológica teve no trabalho de Edith Stein, será esclarecedor demonstrar como o pensamento dessa escola filosófica esteve presente na Europa, mais necessariamente na escola de Wurtzburgo. A aproximação da psicologia com a escola fenomenológica pode ser notada por meio do orientador da habilitação de docência de Edmund Husserl em Halle, o filósofo Carl Stumpf, orientado por Franz Brentano.

A sua influência no trabalho de Husserl pode ser percebida no fato de que a sua principal obra – *Investigações Lógicas* – foi dedicada a Stumpf (Spiegelberg, 1982, p. 64). Além de Husserl, foram orientados pelo professor de Halle os psicólogos Wolfgang Köhler e Kurt Koffka.

Herbert Spiegelberg aponta que, diferentemente de Husserl, o seu orientador, o psicólogo e filósofo Carl Stumpf possuía uma maior abertura para a Psicologia e outras áreas de conhecimento; essa abertura pode ser compreendida pela influência de Brentano que denominou a sua proposta de uma Psicologia Descritiva também de Fenomenologia nos anos 1890, em seus cursos de Psicologia de Viena. Porém, apesar das diferenças metodológicas, ambos buscavam analisar o método fenomenológico por meio da descrição detalhada da experiência imediata dos fenômenos e, a partir dessa descrição, entender a estrutura dos fenômenos (Spiegelberg, 1972, p. 33). Eduardo González di Pierro aponta que Edith Stein também parte do mesmo conjunto de críticas ao psicologismo do seu mestre em Gotinga, Edmund Husserl (Pierro, 2004, p. 159).

Círculo Fenomenológico de Gotinga

Em abril de 1913, Edith Stein decidiu partir para Gotinga. Esta mudança ocorreu por vários fatores, dentre eles o próprio contato com *Investigações Lógicas*, apresentada por Willian Stern e Richard Höningwald. Ela fica fascinada pela obra de Husserl, convencendo-se de que deveria ter aulas com o próprio autor. Outros fatores responsáveis por aquela decisão foram: a leitura do texto *Os fundamentos epistemológicos do positivismo* de uma jovem aluna de Husserl, Conrad-Martius, que inspirou Stein; além disso, Richard Courant, primo de Edith Stein, fora nomeado professor de Matemática em Gotinga e ofereceu à senhora Augusta Courant Stein receber as suas filhas Edith e Erna para que lá completassem a formação universitária (Miribel, 2001, p. 42).

Com vinte e um anos de idade, Edith Stein chega à cidade de Gotinga e, em seu diário, *Vida de uma família judia*, procura descrevê-la em contraposição a Breslau, concebendo-a como uma verdadeira cidade universitária, com aproximadamente 30.000 habitantes, sendo a maioria imigrantes, logo se tratava de uma cidade plural. Cidade esta onde o passado também era um sinal marcante, principalmente na arquitetura dos prédios e nos letreiros:

Muito me chamava a atenção os letreiros comemorativos que havia em quase todas as casas antigas: indicavam as pessoas famosas que haviam vivido nelas. O passado se recordava a cada passo: Os irmãos Grimm, os físicos Johann Carl Friedrich Gauß e Wilhelm Eduard Weber e outros que pertenceram aos “sete de Gotinga”, todos, haviam vivido e feito algo aqui, e faziam-se presentes para a recordação nas futuras gerações (Stein, 2002a, p. 347, tradução nossa).

Para Stein, Gotinga era uma experiência de mergulho no passado, nos lugares onde viveram grandes homens, como os irmãos Jakob e Wilhelm Grimm, que fizeram parte do “grupo dos sete de Gotinga”, junto com os historiadores Friedrich Christoph Dahlmann e Georg Gottfried Gervinus, assim como o próprio Otto von Bismarck, que tinha sido estudante na universidade. Foi nesta imersão que Edith Stein passou durante as férias antes do começo do semestre letivo em Gotinga.

Stein seguiu o conselho de Georg Moskiewicz, que a havia recebido em Breslau, e disse que “quando ela chegasse a Gotinga a primeira coisa que deveria fazer era ir procurar Adolph Reinach e ele cuidaria do resto” (Stein, 2002a, p. 352, tradução nossa). Adolph Reinach atuava como assistente de Edmund Husserl, encarregado pelo curso de iniciação à fenomenologia, vindo de Munique, e foi o responsável pela primeira entrevista dela na universidade.

Ouvi que alguém chegava a passos largos, a porta se abriu e encontrei-me diante de Reinach. Era de altura mediana e tinha ombros quadrados, sem ser robusto. Através das lentes dos óculos pince-nez (sem hastes), os olhos marrons fitavam o interlocutor com um olhar inteligente e extremamente acolhedor. Cumprimentou-me com gentileza, convidou-me a sentar na poltrona mais próxima da escrivaninha. [...] ‘Senhor Moskiewicz escreve-me a

seu respeito. A senhorita já estudou Fenomenologia, verdade? Eu lhe dei algumas rápidas explicações.’ Ele se dispôs a aceitar-me imediatamente em seus ‘trabalhos práticos para estudantes avançados’, mas ainda não podia dizer-me exatamente dia e o horário, pois precisava antes combiná-los com seus estudantes. Prometeu apresentar-me a Husserl (Stein, 2018, p. 354, tradução nossa).

Adolf Reinach buscou a fenomenologia husserliana a partir das críticas feitas ao psicologismo, dentre muitos cientistas que apresentavam as tendências da ciência empírica, que pretendiam dar conta de clarificar as bases da lógica enquanto ciência formal como a figura do seu ex-professor Theodor Lipps, assim como os outros membros do primeiro círculo da fenomenologia realista. O projeto de Lipps, conforme definido por Macintyre, era o do desenvolvimento da lógica a partir da explicação da atividade mental proporcionada pela psicologia empírica. Perspectiva essa que, como apontamos anteriormente, era contrastada pela concepção husserliana, para quem a submissão da lógica à psicologia era um erro que precisava ser combatido, sendo esta crítica parte central da obra *Investigações Lógicas*, que, para esta primeira geração do círculo fenomenológico de Gotinga, era “um trabalho que redefinia a filosofia para eles” (Macintyre, 2006, p. 17).

Edith Stein foi fortemente influenciada pela crítica ao psicologismo e pelo projeto filosófico proposto por Husserl, assim como pelos trabalhos dos outros membros da linha fenomenológica realista, tais como o próprio Adolph Reinach, Hedwig Conrand-Martius e Hans Lipps, porém, como aponta Eduardo González de Pierro (Pierro, 2016, p. 94), Edith Stein trilhará seu próprio caminho dentro do Círculo de Gotinga.

Em diferentes lugares e publicações, indicamos nossas objeções ao colocar Edith Stein na chamada linha fenomenológica realista que caracterizou a escola Munique-Gotinga. Certamente, no início, nossa filósofa foi fortemente influenciada por Reinach e, especialmente, por sua amiga e madrinha, Hedwig Conrad-Martius, e, conseqüentemente, compartilhou amplamente a perspectiva fenomenológica realista. Muito em breve, essa posição começou a ser modificada pela estreita colaboração de Stein com o próprio Husserl como assistente. Ela sozinha o seguiu até Freiburg e gradualmente alcançou uma maior compreensão do que poderíamos chamar de esquema geral de filosofia fenomenológica de Husserl. Ela se distanciou das posições ocupadas por, além de Reinach, Hedwig-Conrad-Martius, Roman Ingarden, Jean Hering e, embora talvez em menor grau, por outros membros do Círculo Gotinga (Pierro, 2016, p. 94, tradução nossa).

Edith Stein ficou encantada com a entrevista que fez com Adolf Reinach, a quem descreve como “uma pessoa de coração puro” (Stein, 2002a, p. 354, tradução nossa), de modo que, depois deste encontro, Reinach foi responsável por iniciá-la em sua turma de Introdução à Fenomenologia todas as segundas-feiras no horário das 18:00 às 20:00. Infelizmente, ela não pôde participar, pois este era o horário do Seminário de História ministrado por Max Lehmann (Stein, 2002a, p. 354).

Na apresentação do seminário, os alunos se sentavam em uma mesa em formato de ferradura, em frente ao professor Max Lehmann, para responder aos seus questionamentos. Esta organização da sala tinha como intenção, segundo o próprio Lehmann, a aproximação e interação entre os alunos, além de o professor também ter uma vista bastante fraca e não reconhecer os alunos à distância. O tema sugerido a Edith Stein e sua dupla foi a Assembleia para a Constituição do Império Alemão, de 1849 (Stein, 2002a, p. 371, tradução nossa).

Como resultado do trabalho sobre a Constituição de 1849, Max Lehmann sugeriu que o trabalho apresentado no seminário fosse o tema de pesquisa que Stein deveria submeter à avaliação para o exame do Estado, sob a sua orientação em Breslau, porém a sugestão do projeto é negada por Edith Stein, que já havia decidido que pretendia ser aluna de Husserl e pertencer ao Círculo de Gotinga.

Agora, o que eu tinha que fazer imediatamente era organizar minhas relações com o professor Stern. Enviei-lhe um relatório sobre o progresso do semestre: não fiz nada em conexão com meu trabalho de psicologia; pelo contrário, eu estava completamente envolvida na fenomenologia. Agora, meu ardente desejo era continuar trabalhando com Husserl. Recebi uma resposta muito favorável. Se este fosse realmente o meu desejo, ele, por sua vez, teve que me dar apenas um conselho: fazer seu doutorado com Husserl. Também não encontrei resistência em meus parentes (Stein, 2002a, p. 374, tradução nossa).

Apesar do seu interesse pela disciplina de História Moderna da Alemanha, Edith Stein decidiu deixar de participar do Seminário de Lehmann por causa do conflito de horários com o grupo de Introdução à Fenomenologia ministrado por Adolf Reinach, o qual, naquele semestre de 1913, estudava o livro *O Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores*. Max Scheler é outro filósofo alemão (de origem judia) que influenciaria muito a obra de Edith Stein, principalmente a partir do conceito de “pessoa humana” e de empatia, ambos próprios à tradição filosófica católica, a qual, vale ressaltar, Edith Stein pouco conhecia até então.

Para mim, como para muitos outros, a influência (de Scheler) naqueles anos foi muito grande, para além do âmbito filosófico [...]. Naquele período, tinha muitas ideias católicas e sabia divulgá-las fazendo uso de sua inteligência e potente eloquência. Foi assim que, pela primeira vez, entrei em contato com um mundo que, até então, era totalmente desconhecido para mim. Isso não me conduziu ainda à fé, mas abriu um campo de “fenômenos” aos quais não podia mais ser cega. Não era por nada que recomendava considerar cada coisa com olhos livres de preconceitos (Stein, 2002b, p. 306, tradução nossa).

Em 1899, Max Scheler havia se convertido ao catolicismo, mas, depois de um período de distanciamento, retornou à Igreja em 1914. Neste mesmo período, está trabalhando em Gotinga, onde ministrava seminários, nos quais Edith Stein era uma das alunas. Stein se sentia mais próxima a Husserl, por sua “grande honestidade intelectual” (Stein, 2002a, p. 305, tradução nossa), mas

também admirava os seminários ministrados por Scheler, a quem descreve como “brilhante e sedutor, expressão pura do fenômeno da genialidade” (Stein, 2002, p. 305, tradução nossa).

Na primeira parte (do problema da empatia), amparada em algumas anotações tiradas dos cursos de Husserl, examinei o ato da ‘empatia’ como um modo particular de conhecimento. Sobre essa base, abordei um tema que sempre me interessou especialmente e que depois me ocupou em todos os trabalhos posteriores: a constituição da pessoa humana. Em ligação com meu primeiro trabalho, essa pesquisa era necessária para mostrar como a compreensão das associações mentais se diferencia da simples percepção dos estados psíquicos. No que se refere a essas questões, foram de grande importância para mim os cursos e os escritos de Max Scheler, assim como as obras de Wilhelm Dilthey (Stein, 2018, p. 466, tradução nossa).

Edith Stein finalmente se encontra com Edmund Husserl, e o descreve como “um típico professor distinto de estatura mediana, e ar digno” (Stein, 2002, p. 355, tradução nossa). Através do contato dos seminários de Adolph Reinach, este havia informado que Edith Stein tinha lido o segundo tomo da obra *Investigações Lógicas*, o que impressionou Husserl e ele logo admitiu Stein na sua escola de Filosofia com as seguintes palavras: “Edith Stein, você é uma heroína por ter lido a minha obra” (Stein, 2002a, p. 355, tradução nossa).

O contato de Edith Stein com a fenomenologia ocorreu de forma muito intensa, sendo que ela foi profundamente influenciada pelo método fenomenológico de Husserl. A filósofa utilizou o método fenomenológico em suas investigações, pois enxergou na fenomenologia uma possibilidade abrangente, instigante e rigorosa de investigação dos fenômenos, o que a auxiliou na sua busca pela verdade. O percurso de Edith Stein na fenomenologia foi muito peculiar, visto que esta não se restringiu somente às análises de Husserl, mas desenvolveu também sua própria concepção de Fenomenologia. Stein teve uma trajetória de vida intensa, dedicada principalmente às questões relativas ao ser humano e à busca pela verdade. É possível afirmar que sua vida e obra se confundem, construindo essa grande pensadora de nosso tempo.

Em seu curso sobre a natureza e o espírito, Husserl havia falado que um mundo objetivo exterior só pode ser experimentado intersubjetivamente, por uma pluralidade de indivíduos conscientes, que estivessem situados em intercâmbio cognoscitivo. Segundo isso, se pressupõe a experiência de outros indivíduos. A esta peculiar experiência, Husserl, seguindo os trabalhos de Theodor Lipps, chama ‘empatia’, sem embargo, [...] isso era uma lacuna que precisava ser explicada: eu queria investigar o que era a ‘empatia’. Este fato não desagradou o mestre; porém, havia de enfrentar um desafio amargo: Ele pediu (Husserl) que realizasse meu trabalho em confrontação com Theodor Lipps (Stein, 2002a, p. 356, tradução nossa).

Edmund Husserl explicita que a fonte do projeto fenomenológico de uma filosofia universal, mesmo em suas diferentes abordagens ou nas diferentes vias de redução, é sempre e constan-

temente o desvelamento do próprio ser. Portanto, o objetivo da *epoché* é a redução ao eu absoluto enquanto centro para a compreensão de qualquer constituição (Husserl, 1960, p. 213). Segundo Ângela Alles Belo (2010, p. 12), parte fundamental para compreender “a nova via” proposta por Husserl no texto *Crise das Ciências Europeias* é a mudança epistemológica, na qual o ser humano se torna o ponto central para a descrição e análise das universalidades da experiência humana.

Neste processo, para Edith Stein, a compreensão e o desvelamento do ser humano por meio da análise dos fenômenos singulares e universais possibilitaria às ciências humanas formarem um caminho para a compreensão de que, mesmo em períodos de instabilidade, como o da Segunda Grande Guerra, por meio da *epoché*, poderíamos criar laços de amizade e compreender que, mesmo que o sujeito moderno seja plural, ele possui características universais, as quais são compartilhadas.

Essa tradição da empatia, que não pode ser reduzida a uma pura tradição hermenêutica, esteve presente na escola fenomenológica de Gotinga através, por exemplo, do trabalho sobre a percepção de Theodor Lipps acerca do campo da estética, sendo as influências de Wilhelm Wundt e Edmund Husserl confessadas pelo próprio autor (Lipps, 1977, p. 141), assim como sua colega Edith Stein, para quem a questão central é o ser humano e a relação entre a fenomenologia e a antropologia filosófica.

Para compreender a pessoa humana em sua pluralidade e, a partir dela, criar laços de empatia e afecção, Edith Stein aponta que as ciências humanas, em especial a História, poderiam ser o caminho para a restauração e a criação de laços de identidade e orientação, pois, a partir das vivências, os homens se perceberiam enquanto próximos uns dos outros. Isso significa que eles teriam a capacidade de compensação diante da especificidade das ciências biológicas, como apresentamos na crítica ao psicologismo.

Encontramos a concepção de que a psicologia estaria na base da História nos manuais do método histórico. [...] Definitivamente, não queremos argumentar que as cognições da Psicologia não podem ser úteis ao historiador. Essas concepções podem ajudá-lo a compreender o que é externo ao seu campo, porém não podem oferecer-lhe seus próprios objetos. Posso explicar psicologicamente as ações de uma pessoa na História, mas, a cada vez que faço isso, procedo como um estudante das ciências naturais e não como historiador. [...] O que precisa ser ‘compreendido’ é apenas como os fenômenos naturais, quando apresentados, motivam as ações das pessoas e como elas são ‘motivadas’, mas esses fenômenos possuem um significado histórico. Neste caso, tais fenômenos não são mais concebidos como fatos naturais que devem ser explicados por leis naturais. Se tivesse ‘explicado’ todos os componentes biológicos das pessoas que viveram no passado, teria feito um bom trabalho nas ciências naturais, mas teria destruído inteiramente o espírito cultural e não teria adquirido nem mesmo um grão de conhecimento histórico. Se os historiadores conside-

ram que seu trabalho é assegurar e explicar os fatos psicológicos do passado, então não há mais uma ciência da História (Stein, 1998a, p. 199, tradução nossa).

Na conferência *Estrutura da Pessoa Humana*, Edith Stein descreve como a escola de Ciência Política de Baden, em especial os filósofos Heinrich Rickert e o seu orientador Wilhelm Windelband, buscou definir as ciências em dois grandes grupos: as nomotéticas (procuram leis universais) e as idiográficas (que descrevem estruturas individuais). Porém, diferentemente de Rickert e Windelband, considera que não se poderia reduzir as ciências humanas a serem apenas ciências individuais, porque o seu objeto, a pessoa humana, é composto de pluralidade; por isso, a concepção de pessoa humana para Edith Stein é necessariamente moderna, pois compreende que a pessoa é.

Esta divisão se sobrepõe com o que os outros preferem entre as ciências naturais e as ciências humanísticas. As ciências naturais podem ser consideradas nomotéticas porque – mesmo onde proceder descritivamente – buscam uma lei universal de formação e estudam o indivíduo sempre apenas como um exemplo, e nunca em sua individualidade. Por outro lado, não é possível equiparar as ciências idiográficas com as do espírito. Há ciências humanísticas lidando com algo único: a História procura investigar e expor a marcha da humanidade ao longo do tempo, como aconteceu de forma única e irrepetível, em indivíduos humanos e povos concretos (Stein, 1933/2002, p. 585, tradução nossa).

Edith Stein atesta que a História – em especial a Filosofia da História – possuiria características universalistas, assim como as próprias ferramentas do historiador possuiriam uma abertura à dimensão universal, pois continuariam a existir separadas da materialidade do sujeito, como, por exemplo, os objetos de estudos, tais como as cartas, um testamento ou um texto literário, que podem sobreviver em relação àquele que os escreve e, ao mesmo tempo, podem afetar os outros homens. Assim, a tarefa preliminar do historiador, para Stein, seria recolher estas fontes; porém, ela afirma que a empreitada principal seria compreender esses testemunhos e, a partir deles, “penetrar na individualidade através da linguagem desses signos” (Stein, 1933/2002, p. 588, tradução nossa). Portanto, depreende-se que a missão do historiador seria a passagem dessa individualidade à universalidade através da escrita, assim tendo a possibilidade de criar laços de afecção:

Em seguida, vem a missão de disponibilizar aos outros a individualidade que foi capturada. Tal fim não pode ser alcançado ao dar à individualidade uma denominação universal ou enumerar muitas de suas características (por sua vez, universalmente compreensíveis), nem a vendo como a intersecção de tipos diferentes. Todas essas são apenas ferramentas que podem ser usadas. Mas, o que é importante em permitir que alguém apreenda uma individualidade quando um encontro vivo não pode ser fornecido é apontar o trajeto pelo qual um alcançou a meta. Para que o ato de compreensão seja cooperativo, os traços especialmente eloquentes devem ser relatados e, acima de tudo, sempre que possível, oferecer expressões originais da pessoa em questão (Stein, 1933/2002, p. 589, tradução nossa).

Eduardo González di Pierro (2004) aponta que a análise do objeto histórico para Edith Stein deveria partir das vivências. Essa concepção é contrária à interpretação do sociólogo George Simmel, a partir do qual os eventos reais são contínuos, mas as descrições sobre eles, como os eventos históricos, buscam criar certa orientação, através de uma narrativa que apresenta estes eventos como englobados em uma ideia unitária. Stein escreve a Simmel: “Decompondo ainda mais esta unidade, alcançaremos finalmente os átomos que já não têm um significado histórico e sobre os quais, portanto, a História não pode mais ser construída” (Pierro, 2004, p. 157).

Odo Marquard aponta que, quando elaboramos um trabalho científico na área das Ciências Humanas, o pluralismo moderno poderia contribuir porque, quando o cientista social busca pensar um problema, este se aproxima de outros cientistas que pensam este problema em comum ou partem dos mesmos objetos, podendo propor análises diferentes que ajudariam a compreender o fenômeno como um todo (Marquard, 2006, p. 153). De maneira semelhante, podemos analisar o pensamento steiniano, o qual, se confrontado com o de Simmel, revela que, apesar de as múltiplas vertentes da escrita historiográfica contribuírem para apreender a realidade do fenômeno estudado, ninguém pode representá-lo de forma exaustiva, porque

certamente o historiador da política, da economia e da arte dão notícias muito diferentes do mesmo período histórico [...]. No entanto, isso significa apenas que o conteúdo do significado do evento original foi algo multiforme, não que cada um atribuiu um significado diferente para ele (Stein, 1998, p. 283, tradução nossa).

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, muitos dos membros do Círculo de Gotinga foram chamados a lutar à frente de batalha, o que, segundo Hans Rainer Sepp, interrompeu o projeto filosófico do Círculo de Gotinga, que também deve como fator a transferência de Husserl à Universidade de Freiburg no ano de 1916 (Sepp, 1998, p. 710). Porém, foi o evento da Primeira Grande Guerra que mais afetou o grupo de filósofos fenomenologicamente orientados (Terrabras, 1994, p. 1230), tais como Dietrich von Hildebrand, que atuou como enfermeiro em Munique, e Adolf Reinach, que se juntou ao exército e recebeu a Cruz de Ferro morrendo em batalha do Somme, em Flandres, no dia 16 de novembro de 1917.

Edith Stein se sentiu impelida a atuar na Primeira Guerra Mundial, por se considerar uma “verdadeira cidadã alemã” (Stein, 2002a, p. 103, tradução nossa). Logo depois dos exames prestados de Grego e História em Breslau, Stein entrou em contato com a Cruz Vermelha da cidade para se alistar, porém teve como resposta que, na Alemanha, não havia demanda, pois o quadro de enfermagem já estava completo. Na Áustria, ocorria uma grande necessidade, logo, ela foi chamada no hospital de Mährisch Weißkirchen em princípios de abril, e, segundo Stein, este se en-

contrava na região da Moravia (Stein, 1965, p. 231). Para lá eram enviados, durante a Primeira Guerra, os soldados com cólera, tifo e outras febres ou infecções agudas, o que significa dizer que Mährisch Weißkirchen era um local onde a atividade principal foi cuidar dos pacientes de quarentena.

Em 07 de abril de 1915, Edith Stein embarcava de Gotinga para a Mährisch Weißkirchen, com o distintivo da Cruz Vermelha, chegando ao meio-dia. A cidade que descreve como pequena é agradável, tendo como prédio central a antiga academia militar que havia sido transformada em hospital, sobre a direção de Margareth, uma enfermeira antiga que atuava na cidade. Edith Stein compunha a equipe de cento e cinquenta enfermeiras que atuavam no hospital, sendo ela designada para trabalhar na ala de pacientes com tifo.

A equipe do hospital era composta por médicos, enfermeiros, e enfermeiras em sua maioria; por membros de todas as diferentes nações que pertenciam à monarquia austro-húngara, isto é, alemães, checos, eslovenos, poloneses, húngaros, romenos, italianos, além de turcos, russos e ciganos, sendo que para o funcionamento do hospital todos seguiam um livro padrão com perguntas e respostas, que era escrito em nove idiomas (Stein, 2002a, p. 427). Acreditamos que este contato levou Stein a analisar, através das vivências, isto é, da convivência com as outras pessoas, especialmente de outras nacionalidades, o fenômeno da empatia. Como podemos perceber pela descrição que Edith Stein faz sobre um de seus pacientes:

Era um jovem comerciante italiano, procedente de Trieste. Chamavam-no só pelo nome, Mário; não me lembro de seu sobrenome. A doença atacou-o de forma violenta. Sua boca estava tomada por uma secreção misturada por sangue. A enfermeira Loni pediu-me para limpar sua boca com um pano sempre que eu passe por ele. Ele me agradecia com o olhar por esse gesto caridoso. Não conseguia falar nada, pois perdera a voz totalmente. A cada visita médica ele era minuciosamente examinado. Médicos e enfermeiras falavam sobre ele, ao seu lado, como se ele nada compreendesse. Mas eu percebia nos seus olhos grandes e brilhantes que ele estava perfeitamente consciente, prestando atenção a cada palavra dita (Stein, 1986, p. 416, tradução nossa).

Edith Stein dedica um subcapítulo inteiro de sua biografia, *Vida de uma família judia*, para descrever como se relacionava com os diversos pacientes, sendo este contato com os diversos povos o que a motivava a seguir trabalhando, como os seus compatriotas alemães, que descrevia como exigentes e críticos, assim como os eslovenos, que Stein descreve como humildes, da mesma maneira é descrita a valentia dos soldados húngaros e dos soldados tchecos. Quando não estava cuidando dos diversos pacientes, Edith Stein buscava continuar a sua formação lendo os dois livros que tinha escolhido levar para o hospital, sendo eles *Ideias para uma fenomenologia pura* e

Para uma filosofia fenomenológica: Introdução geral à fenomenologia, de Husserl, e a *Odisseia*, de Homero.

Depois de cinco meses de muito trabalho e dedicação aos seus pacientes, Edith Stein percebe que seus nervos estavam chegando ao limite, precisando de descanso e, ao mesmo tempo, sentia a necessidade de retornar aos estudos a partir do conjunto de vivências que tinha adquirido, voltando, assim, para sua casa em Breslau em setembro daquele ano. O hospital Mährisch Weißkirchen foi fechado um mês depois. Devido a sua dedicação e devoção no trabalho como enfermeira, Stein recebeu a medalha da coragem da Cruz Vermelha.

Considerações Finais

A partir da breve exposição histórica que buscamos desenvolver neste artigo, compreendemos que Edith Stein desenvolveu, durante a sua formação universitária, uma profunda influência do pensamento de Edmund Husserl, em especial da obra *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Consciência Fenomenológica*, desde o período que estudou em Breslau, através da influência de William Stern, quando estudou no curso de Psicologia.

Em concordância com Husserl, Stein apresenta a Fenomenologia como um método que busca retornar às coisas mesmas e alcançar as essências dos fenômenos. Para isso, a fenomenologia utiliza-se do método fenomenológico, através do qual é possível apreender as essências, que se mostram de forma imediata, como em seus estudos *Sobre o Problema da Empatia*. Em segundo lugar, Stein destacou também a retomada da ideia de verdade absoluta e de objetividade da consciência, promovida por Husserl com a publicação de suas *Investigações Lógicas*, que rompeu com as filosofias relativistas vigentes na época e resgatou o rigor da investigação filosófica: “não podem satisfazer-nos significações que tomam vida – quando o tomam – de intuições remotas, confusas e impróprias” (Stein, 2002c, p. 311, tradução nossa). A filósofa concordava com o mestre e, conforme destacamos em sua biografia, que a filosofia e, em especial, as ciências, careciam de uma fundamentação radical e que elevasse a filosofia a uma “ciência no sentido rigoroso” (Husserl, 2006, p. 3).

Concluimos, portanto, que Edith Stein apresentou uma concepção original a partir da fenomenologia de Edmund Husserl, ao apreender como se desenvolveram as percepções sobre o fenômeno da empatia em seus múltiplos aspectos, tais como nas dimensões físicas, psíquicas espirituais. Através desses estudos, a autora pôde perceber que aspectos como o sofrimento e o medo

da morte (que foram vivenciados por soldados de diversas nacionalidades e observados por Edith Stein ao trabalhar como enfermeira no hospital de Mährisch Weißkirchen) são fenômenos universais e não apenas ligados a aspectos culturais, como se apresentavam em inúmeras concepções errôneas de sua época.

REFERÊNCIAS

- Bello, A. A. (1985). *Husserl – Sul problema di Dio*. Roma: Studium.
- Bello, A. A. (2003). *Edith Stein. La passione per la verità*. Padova: Messaggero.
- Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida: Ideias & Letras.
- Levallois, A. (2007). *Une Psychanalyste Dans l'Histoire*. Paris: Campagne Première.
- Luckmann, T.; & Berger, P. (2004). *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes.
- Macintyre, A. (2006). *Edith Stein: A Philosophical Prologue 1913-1922*. Maryland: Rowman and Littlefield Publishers.
- Makkreel, R. A. (1975). *Dilthey, philosopher of the human studies*. Princeton: Princeton University Press.
- Marquard, O. (2000). Sobre la inevitabilidad de las ciencias del espíritu. In O. Marquard. *Apología de lo contingente*. Valencia: El Magnànim.
- Merz-Benz, P.-U. (1997). *Richard Höningwald und Norbert Elias – Von der Geschichtsphilosophie zur Soziologie*. Boon: Springer.
- Pierro, E. G. (2004). *La fenomenología de Edith Stein como refutación del "realismo fenomenológico" del "Círculo de Gotinga". Stein y su interpretación del idealismo trascendental husserliano*. Ciudad del México: Encuentros Ediciones.
- Pierro, E. G. (2016). *The Influence of Adolf Reinach on Edith Stein's Concept of the State: Similarities and Differences*. Ciudad del México: Encuentros Ediciones.
- Scheler, M. (1979). *The nature of sympathy*. London: Routledge & Kegan.
- Scheler, M. (2004). *Esencia y formas de la simpatía*. Buenos Aires: Editorial Losada S.A.
- Sepp, H. R. (1998). La postura de Edith Stein dentro del movimiento fenomenológico. *Anuario filosófico*, 31, 709-729. <https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/391/6/3.%20LA%20POSTURA%20DE%20EDITH%20STEIN%20DENTRO%20DEL%20MOVIMIENTO%20FENOMENOL%c3%93GICO%20HANS%20RAINER%20SEPP.pdf>
- Spiegelberg, H. (1972). *Phenomenology in psychology and psychiatry: a historical introduction*. Evanston: Northwestern University Press.
- Spiegelberg, H. (1982). *The phenomenological movement: a historical introduction*. Boston: Martinus Nijhoff Publishers.
- Stein, E. (1933/2002). *La estructura de la persona humana*. Madrid: El Carmen.

- Stein, E. (1986). Life in a Jewish Family – her unfinished autobiographical account. In E. Stein. *The Collected Works of Edith Stein* (Vol. 1). Washington: ICS Publications.
- Stein, E. (1996a). *Estrellas Amarillas*. Madrid: Editorial de Espiritualidad.
- Stein, E. (1996b). *Psicologia e scienze dello spirito. Contributi per una fondazione filosofica*. Roma: El Carmen.
- Stein, E. (1998). *Il problema dell'empatia, de E. e E. Costantini*. Roma: Studium.
- Stein, E. (2002a). *Escritos Antropológicos y Pedagógicos: Magisterio de vida cristiana, 1926-1933*. Madrid: El Carmen.
- Stein, E. (2002b). *Escritos Filosóficos – Etapa fenomenológica: 1915-1920*. Madrid: El Carmen.
- Stein, E. (2002c). *Los tipos de psicología y su significado para a pedagogia*. Madrid: El Carmen.
- Stein, E. (2004). *Sobre el problema de la empatía*. Madrid: Editorial Trotta.
- Stein, E. (2012). La significación de la fenomenología como concepción del mundo. In E. Stein. *La Pasión por la Verdad*. Buenos Aires: Bonum.
- Stein, E. (2018). *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. São Paulo: Ed. Paulus.

Sobre o autor

¹Danilo Souza Ferreira | danilosf1901@hotmail.com | Mestrando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com ênfase em Teoria e Filosofia da História, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria e filosofia da história, biografia, história religiosa, escrita de testemunho e fenomenologia, Graduado pela Universidade Federal de Ouro Preto Licenciatura e Bacharelado. Membro do NEHM – Núcleo de Estudos em História da Historiografia e Modernidade e da Red-Latino Americana História Pensada.

Recebido em: 03/08/2020

Aceito em: 06/01/2021